

## CATEQUESE E ENSINO: OS JESUÍTAS E SUAS CONCEPÇÕES DA INFÂNCIA COLONIAL BRASILEIRA *CATECHESIS AND TEACHING: THE JESUITS AND THEIR CONCEPTIONS OF BRAZILIAN COLONIAL CHILDHOOD*

Ana Luiza Taborda da Paixão<sup>1</sup>

Felipe Augusto Fernandes Borges<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo consiste de pesquisa realizada a respeito das concepções de infância dos padres e irmãos da Companhia de Jesus no Brasil colonial. Os padres da Companhia de Jesus, ao chegarem ao Brasil, chefiados por Manoel da Nóbrega, em 1549, iniciaram imediatamente um trabalho evangelístico com os indígenas, mas, ao longo do tempo, perceberam que ao evangelizar os adultos, seus resultados eram escassos e, como se havia procedido em Goa, nos domínios da chamada Índia Portuguesa, com bons resultados, eles optaram em evangelizar, catequizar e educar preferencialmente as crianças. Com este objetivo, de compreender como esses padres conceberam a infância do Brasil Colonial, foram analisadas fontes primárias, que foram as cartas escritas pelos padres jesuítas que estiveram em missão no Brasil contidas nos três primeiros volumes da "Monumenta Brasiliae" organizados por Serafim Leite, as quais foram analisadas e selecionadas através da busca por menções às crianças, a infância e aos trabalhos realizados com estes para observar de que forma os autores tratavam ou citavam o tema da infância brasileira. Assim abordou-se de forma inicial sobre um pouco do que foi a história da infância brasileira do século XVI, observando e atentando para as diferenças culturais e o processo desenvolvido para se ensinar e catequizar as crianças brasileiras, indígenas ou não.

**Palavras-chave:** Educação Colonial. Companhia de Jesus. Catequese. Infância.

**Abstract:** This article consists of research carried out on the conceptions of childhood of the priests and brothers of the Society of Jesus in colonial Brazil. The priests of the Society of Jesus, when they arrived in Brazil, headed by Manoel da Nóbrega, in 1549, immediately started an evangelistic work with the indigenous people, but, over time, they realized that when evangelizing adults, their results were scarce and, as had been done in Goa, in the so-called Portuguese India domains, with good results, they chose to evangelize, catechize and educate children preferably. With this objective, to understand how these priests conceived the childhood of Colonial Brazil, primary sources were analyzed, which were the letters written by the Jesuit priests who were on mission in Brazil contained in the first three volumes of the "Monumenta Brasiliae" organized by Serafim Leite, which were analyzed and selected through the search for mentions of children, childhood and the work carried out with them to observe how the authors treated or cited the theme of Brazilian childhood. Thus, it was initially approached about a little of what was the history of Brazilian childhood in the 16th century,

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia do Instituto Federal do Paraná – Campus Pitanga. Professora da rede municipal de educação em Pitanga/PR. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do IFPR – PIBIC/IFPR.

E-mail: [analuizatapa@gmail.com](mailto:analuizatapa@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em História, mestre em Educação e graduado em Pedagogia. Professor do Instituto Federal do Paraná – Campus Pitanga.

E-mail: [felipe.borges@ifpr.edu.br](mailto:felipe.borges@ifpr.edu.br)

observing and paying attention to cultural differences and the process developed to teach and catechize Brazilian children, indigenous or not.

**Keywords:** Colonial Education. Society of Jesus. Catechesis. Childhood.

## 1 Introdução

O presente artigo visa compreender como os pioneiros do ensino formal no Brasil, os padres jesuítas, trataram e conceberam a infância do Brasil Colonial. Ele é resultado de um projeto de iniciação científica, intitulado “Jesuítas, ‘curumins’ e portugueses no Brasil colonial: um estudo das concepções de criança e infância nas cartas jesuíticas (1549-1560)”, que constitui-se de pesquisa, leitura e estudo das cartas escritas pelos padres e irmãos da Companhia de Jesus a fim de alcançar resultados qualitativos sobre o tema. O projeto contou com financiamento de bolsa de iniciação científica pelo Programa PIBIC/IFPR.

Ao pesquisar sobre suas concepções de infância, deve-se ter como necessário o conhecimento sobre a história da Companhia de Jesus e o que movia tais padres a estarem evangelizando e educando povos não europeus. A Companhia de Jesus surgiu após um período de grande movimentação religiosa. Houve o período de Reforma Protestante e a Igreja Católica se manifestou nos trabalhos de uma reforma interna, em que foram aprovados pelo Papa a atuação de algumas ordens religiosas que tinham princípios de uma fé moderna e genuína. Entre ela estava a Companhia de Inácio de Loyola, que teve grande força em Portugal pelo grande interesse e atenção dados pelo poder real português (COSTA, 2004; BORGES, 2018).

Em 1539 o rei D. João III pediu a Pedro Mascarenhas, seu embaixador em Roma, que entrasse em contato com um certo grupo de padres, dos quais ele tinha ouvido elogios vindos da parte de Diogo de Gouveia, teólogo e reitor do Colégio de Santa Bárbara, em Paris. Após a comprovação do que tinha ouvido, foi necessário apenas a realização de trâmites junto ao Papa para que os ditos padres desembarcassem no reino de Portugal em 1540 com o aval do rei (COSTA, 2004; BORGES, 2018).

Os jesuítas eram missionários pertencentes a uma ordem religiosa reformadora, com um certo diferencial, que se detinha principalmente na necessidade e vontade de levar aos povos "conquistados" pelos europeus a verdade do Evangelho de uma forma mais efetiva. Na concepção da época, era

dever do rei, como cristão, a catequese e conversão dos povos sujeitos e por isso D. João III buscou ajudar desses padres (COSTA, 2004; BORGES, 2018).

Com base nesse conhecimento pode-se imaginar que as concepções dos padres jesuítas sobre a infância, principalmente da população da colônia no século XVI era bastante interessante e esclarecedora para entendermos a educação brasileira atual.

## **2 Concepções históricas de Infância**

O estudo da História da infância em todo o mundo é vista por meio de diferentes concepções e conceitos. Vários autores têm tentado compreender como a infância era tratada pela sociedade adulta desde os tempos mais remotos da humanidade, apresentando uma atenção pouco dada a certos tempos ao estudo de uma fase tão importante da vida humana.

Grandes nomes trataram da infância e do personagem principal desse período: a criança. As várias considerações sobre essa fase perpassam até mesmo pela ideia da fabricação da infância, desaparecimento de infância e ainda a infância num contexto histórico cultural, tratando de como ocorriam as interações da criança com o meio em suas atividades humanas.

Podemos ver que a mais ou menos 3000 anos a. C. no Equador, foram retratadas em esculturas adultos e crianças, o intuito da criação da obra permanece oculto mas através dela podemos ver o espaço da infância em uma sociedade antiga e considerada primitiva nas culturas eurocêntricas.

Temos também, na Grécia Antiga, uma civilização considerada extremamente intelectual, a presença das crianças em imagens de objetos de rituais fúnebres, onde a criança, em sua partida foi considerada como uma pessoa partindo para outra vida. Na Roma antiga em sarcófagos foram também achados retratos da vida de crianças, brinquedos, opções e sua interação com a família representando que em épocas remotas a criança já fazia parte de uma sociedade que considerava suas particularidades. “A menção a essas imagens mostra que a consciência da particularidade infantil pode ser identificada desde a Antiguidade e nas mais diversas culturas” (KUHLMANN JR.; FERNANDES, 2012, p.29).

Já na Idade Média temos uma infância retratada como espelho da vida adulta, muitos autores vão afirmar que as crianças não tinham significado nenhum para seus familiares nesse período, mas entende-se hoje, que na realidade, a infância era um processo que existia e era considerado, só que de forma diferente como consideramos hoje. Pode-se dizer que a infância nesse período era uma preparação para a vida adulta, as meninas eram preparadas para os trabalhos domésticos e os meninos se encaminhavam em ajudar os pais nos trabalhos do campo, ou em famílias abastadas e tinham tutores para o estudo de ciências necessárias à continuação dos negócios de família.

Já no período do Renascimento, com o surgimento de conceitos intelectuais e Helenísticos sobre o conhecimento vemos que as crianças passaram a ser tratadas como e expoente para essa mudança, expressando que a “[...] a mão que embala o berço define os destinos da sociedade [...]”, fazendo da criança o ponto de partida para se abandonar a antiga “Idade das Trevas” (HEYWOOD, 2004, p. 52). Esse desenvolvimento atingiu as classes abastadas da sociedade, as pessoas do campo e serviços da realeza permaneciam com suas vidas naturais e costumeiras, porém com o desenvolvimento tecnológico as mortes foram diminuindo e o valor da vida infantil foi se tornando mais forte na comunidade como um todo.

A partir da Revolução Industrial e o crescimento da ideia de Idade Moderna as crianças dançaram entre vários conceitos, as de famílias abastadas começaram a fazer parte de estudos sobre o desenvolvimento da criança, centro de Educação Infantil Froebelianas, Montessorianas, etc, já aquelas de famílias mais pobres foram introduzidas ao mercado de trabalho, já que como os salários eram míseros e as famílias precisavam comer nos grandes centros que se formavam, a ideia de crianças trabalharem foi de grande utilidade a muitas casas, outras, onde as mães não queria levar seus filhos as fábricas ficavam em casa assistencialistas, mantidas geralmente pela igreja, onde elas faziam atividade manuais e recebiam assistência e supervisão.

### **3 Diferentes visões sobre História da Infância**

Apontaremos aqui algumas visões sobre a infância, tratando de alguns autores que podem ser de referência na pesquisa sobre jesuítas e infância.

Traremos em primeiro lugar de conceitos da autora Maria Isabel Edelweiss Bujes que vai tratar da infância moderna e problematizá-la questionando se elas são fruto de práticas discursivas e fabricadas pelas malhas de poder social, já que segundo ela: “A trajetória da infância por estes tempos modernos é “um prato cheio” em termos de possibilidades de engendramento de novos problemas e objetos de pesquisa [...]” (BUJES, 2005, p. 195).

Ela vai nos dizer que a infância é fabricada pela modernidade e foi construída socialmente sustentada por discursos. A importância do discurso se dá pelo fato das pessoas nascerem em uma sociedade oralizada, e a cada dia, com as inúmeras inovações tecnológicas e o desenvolvimento de concepções sobre a infância, a criança cresce inserida nisto e o seu sujeito infantil se fabrica pelo discurso inserido na sociedade.

Seu trabalho é bastante complexo, mas em poucas palavras podemos dizer que, de acordo com o discurso social se forma a infância, temos portanto em épocas remotas discursos positivos sobre o trabalho infantil, logo as crianças trabalhavam, hoje temos discursos que são contra tal ideia e apresentam argumentos fortes sobre os prejuízos de se colocar a criança para trabalhar como adulto e, ainda que tenham pessoas que fazem tal coisa, hoje são fortemente repudiadas e coibidas pela lei, por uma massa de intelectuais e por grande parte da população.

Veremos agora um pensador chamado Neil Postman, que vai falar sobre uma divisão histórica: *A invenção da infância e o Desaparecimento da Infância* em sua obra *O Desaparecimento da Infância*. Ele vai afirmar que houve o aparecimento da infância na Grécia Antiga e o seu fim na Idade Média como podemos observar:

No mundo medieval não havia nenhuma concepção de desenvolvimento infantil, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem seqüencial, nenhuma concepção de escolarização [...] também não tinham, devemos já acrescentar, um conceito de vergonha (POSTMAN, 1999, p. 29).

Postman vai afirmar que não havia pudor, educação, vergonha, respeito às crianças nesta época denotando a inexistência de consideração por essa fase da vida humana. Segundo ele a prensa tipográfica, representando a idade moderna vai trazer de volta a lembrança da infância, já que as crianças eram as que não podiam ler como os adultos, já que para ele, o que separa a criança dos adultos é o acesso a certas informações

Para ele o grande desaparecimento da infância começou a acontecer com o surgimento do telégrafo, onde a fronteira de separação de informações que as crianças poderiam ter acesso passou a ser alterada. hoje a televisão aceita esse papel de bom grado, não delimitando o que a criança pode ou não pode ver e segundo o autor, a sociedade caminha para o desaparecimento da infância já que: “As pessoas vêem televisão. Não a lêem” (POSTMAN, 1999, p. 92).

Philippe Ariès (1914-1984), é o próximo autor citado, ele estudou a história da infância da Idade Média a Idade Moderna, na primeira fase ele afirma não existir sentimento de infância e na segunda diz que ele surge com a modernidade. Ariès usava como base para sua pesquisa e argumentação fontes iconográficas, demográficas e relatos da idade média europeia. Pela tese de Ariès apesar de não ter um sentimento de infância, seu conceito existia, mas dissonante ao nosso ideal moderno.

No princípio medieval a criança não era representada, ao longo dos anos as artes sacras tentaram usar os pequenos para representar santos e anjos e as crianças então começaram a ser retratadas nas pinturas de família, somente no séc. XVII os retratos das crianças sozinhas se tornam comuns e aceitos, começaram a surgir também, entre as famílias abastadas os trajés diferenciados entre crianças e adultos.

A partir daí surge a chamada Papparicação, que foi o grande passo para o verdadeiro sentimento de infância, através do desejo de papparicar a criança os adultos começaram a desenvolver o sentimento de infância moderno como uma preocupação social uniforme.

O próximo autor Colin Heywood (2004), se tornou um grande crítico da obra de Ariès, postulando grandes defasagens no pensamento histórico do autor

como o seguinte: “Ariès parece pensar que o artista pinta aquilo que todos vêem, ignorando todas as questões complexas relacionadas à forma como a realidade é tratada na arte” (HEYWOOD, 2004, p. 25). Para ele é impossível procurar o conceito de infância moderno em épocas medievais e afirmar através disso que se não existe infância moderna, a infância medieval é inválida.

Segundo ele, os séculos XVII e XVIII tiveram grande importância na história da infância por ser um período de aumento nas opções trabalhistas aos jovens, conseqüentemente começou-se a investir mais nas crianças, proporcionando um período de prosperidade à infância. Para Heywood a Idade Média, como um todo, não concebia a Educação para as crianças como algo transformador já que a criança teria traços "de nascença".

Já a maternidade era algo desejado e esperado como santo mandamento de Deus, e tradições como batismo, escolha de padrinhos e nomes consagrados para os bebês sinalizam a importância da infância em duas vidas. O autor concorda com Ariès no que diz respeito à valorização dos meninos, já que pelo trabalho agrário, eles eram mais "necessários".

A morte tinha sentimentos ambíguos, a perda dos bebês era facilmente superada, mas há muitos casos onde a perda de crianças maiores era lamentada profundamente. Ao longo dos anos as crianças eram preparadas para suas respectivas vidas, as meninas para o casamento e os meninos pobres aos trabalhos braçais e meninos ricos, trabalhos administrativos.

Moysés Kuhlmann Júnior, nosso último autor citado, vai tratar a infância como um processo existente em todas as sociedades e culturas. Para ele, a infância está presente onde as sociedades as colocam, em seus ideais, conceitos e funções.

Em seus trabalhos ele vai falar das diferentes situações da infância, desde a infância completamente desprotegida no Brasil, até a infância cheia de apoio governamental. Para o autor a infância não é um conceito que existe ou deixa de existir de acordo com o pensamento adulto, mas é uma particularidade da criança, que é tratada com atenção e amor em certos momentos e desprezo em outros

Kuhlmann vai postular também que a infância pode ser observada em culturas não europeias, indígenas, africanas e orientais, não da forma como conhecemos, mas da forma que eles entendiam a infância.

#### **4 Infância no Brasil**

A primeira infância brasileira era a infância indígena, uma infância baseada em aprendizagem informal nos seios das tribos, as crianças tinham a liberdade delimitada pelo que era segura a elas fazer, viviam uma vida em meio a terra. O início de seus “estudos primários” era sair do seio da mãe, onde tinham que permanecer nas ocas com ela ou plantando alimentos e colhendo em meio a mata plantas para se alimentarem. Após esse período as meninas se tornaram aprendizes da mãe, conhecendo seus trabalhos e funções e meninos aprendizes dos pais, na caça, pesca, direção da família, dependendo da cultura indígena inserida. Falavam a língua de seus povos, aprendiam dos contos de seu povo e permaneciam segundo esse caminhar.

Isso muda completamente com o começo da colonização, e dando um enfoque principal ao tema deste trabalho, que é a história das crianças do Brasil colônia sob a ótica jesuítica, vamos observar que nesse período com a chegada desses padre católicos a vida brasileira mudou de figura, com uma educação formal “curumins”, colonos e afins, tiveram que adaptar a própria infância, nesse período os jesuítas realizaram muitos trabalhos diferentes para catequizar as crianças indígenas e os filhos dos colonos, e muito da infância antiga se perdeu nesse período.

A infância passou a ser um período de discipulado da fé católica, aprender a rezar, escutar o sermão e entoar cânticos a Deus foi aquilo que os padres queriam fazer, a ótica jesuítica era ganhar as almas das crianças “porque dos tais é o reino do céu”, e também porque tinham mais chance de conquistar os pais deles também.

A partir daí a infância passou a ser um espelho da infância europeia, o Brasil, durante muito tempo foi um reflexo da “eurocentricidade” pregada pelos portugueses, a infância brasileira foi conseqüentemente amoldada por outras

infâncias, por grandes máquinas propagandistas e pela luta aos direitos que as crianças tinham mas nunca eram respeitados.

## **5 Jesuítas e crianças no Brasil Colonial**

Os jesuítas ao chegar ao Brasil iniciaram imediatamente um trabalho evangelístico com os indígenas, porém perceberam logo que ao evangelizar os adultos seus resultados eram escassos e, como se havia procedido em Goa (BORGES, 2018), com bons resultados eles optaram em evangelizar, catequizar e educar as crianças.

Ao chegar nas terras brasileiras os padres perceberam logo suas grandes dificuldades e vantagens aparentes no processo de evangelização, sendo assim, os padres passaram a visitar aldeias e pregar às pessoas, visando sua conversão e, como eles consideravam, sua salvação. Com o intuito de conquistar as crianças, eles começaram a ir viver com os índios nas aldeias aprendendo a língua e ir doutrinando-os aos poucos: "Temos determinado ir viver com as Aldeas como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingoa, e i-los doctrinando pouco a pouco."<sup>3</sup> (NÓBREGA, 1549a, IN: LEITE, 1956, p.112)

Com tudo isso se iniciou um grande trabalho de evangelismo das crianças, os padres passaram a traduzir algumas orações ao idioma dos índios com dificuldade por não haver ninguém que servisse de intérprete, como o padre Manuel da Nóbrega afirma na mesma carta: "[...] e nom posso achar lingoa que mo saiba dizer, porque sam elles tam brutos que nem vocabulos tem" (NÓBREGA, 1549a, IN: LEITE, 1956, p. 112).

Então, com esse preparo inicial, de estudo e tentativas de ensinar usando da língua gentia, a Companhia de Jesus começou a trabalhar com ensino e catequese dos filhos dos gentios, que era como consideravam os nativos indígenas. Em sequência a esses trabalhos eles perceberam a necessidade de se doutrinar os filhos dos cristãos. O padre João de Azpilcueta ao escrever para os padres de Coimbra, em 1550, vai comentar que aos

---

<sup>3</sup> Foi mantida a grafia original dos documentos constantes nas fontes primárias, por isso o leitor perceberá diferenças ortográficas e gramaticais, próprias da escrita no século XVI.

sábados estudava o evangelho para dizer a missa as pessoas da cidade e de uma vila, onde ele doutrina os filhos dos cristãos juntamente com escravos e escravas (AZPILCUETA, 1550, IN: LEITE, 1956, p. 184).

Ainda dentro dos trabalhos dos jesuítas com a infância surgem os chamados órfãos do rei, que eram enviados de Portugal para ajudar na doutrina dos gentios, mestiços e brancos. Eles eram enviados e passavam a conviver com os nativos da terra nos colégios e casas de ensino que os padres utilizavam, até mesmo dentro de suas capelas. Em 1551 teve início a casa da Baía, onde havia filhos de gentios, mestiços da terra e sete órfãos. Com esta casa, segundo o padre Antônio Pires os filhos dos gentios já deixavam seus pais para ir com os padres (PIRES, 1551, IN: LEITE, 1956, p. 263).

Antônio Pires, de Pernambuco, na mesma carta, afirmou ter muito trabalho com algumas “negras” (índias), e que muitas vinham até ele de joelhos pedindo que ensinassem a elas e a seus filhos a deixarem de ser selvagens: “Muchas destas se nos vienen a casa, y se assientan de rodillas, diciendo con mucha lástima, que hasta aqui assí ellas como sus hijos fueron salvages, que por amor de Dios las enseñemos y doctrinemos.” (PIRES, 1551, IN: LEITE, 1956, p. 263).

Temos de problematizar os relatos jesuíticos, certamente. Como muitas destas cartas se tratam de cartas de certa forma “propagandísticas” da ação jesuítica, precisamos olhar com cautela os relatos e ter a consciência histórica de que, por algumas vezes, os relatos podem não ser totalmente condizentes com a realidade dos fatos.

Os padres também tinham sua realização no desenvolvimento de seus discípulos, houve uma movimentação para a questão do clero indígena, e embora houvesse muitas adversidades que impediavam isso, os padres não deixavam de comentar sobre os prodígios dentre os gentios, que liam, escreviam, cantavam e poderiam facilmente aprender latim, se permanecessem pelo menos um ano na capital portuguesa (Lisboa).

Eu tinha dous meninos da terra pera mandar a V. R., os quais serão muito pera a Companhia. Sabem bem ler e escrever e cantar, e são quá pregadores, e não há quá mais que aprender; e mandava-os pera aprenderem lá virtudes hum anno e algum pouquo de latim, pera se ordenarem como tiverem idade e folgara El-Rei muito de os ver por

serem primitias desta terra. (NÓBREGA, 1552, IN: LEITE, 1956, p. 353)

Mesmo assim, era decepcionante para os missionários quando os meninos voltavam aos antigos costumes e os padres queriam ao máximo amenizar essas situações. Havia percepções sobre infância e adolescência ao ler-se trechos em que os padres dizem que os meninos criados na doutrina ao virarem moços vão-se aos costumes de seus pais e a mulheres, ou sobre a necessidade de se enviar os mais rapazes dos meninos órfãos portugueses e da terra para a Europa. Segundo Anchieta, eram “la más perdida gente desta tierra, y algunos peores que los mesmos índios” (ANCHIETA, 1554b, in: LEITE, 1957, p. 76-77). O envio destes rapazes a Portugal, Espanha e outros locais longe da Colônia serviria para que não recebessem essas influências consideradas negativas na sua fase de quase adultos e viessem a se tornar como os cristãos que viviam no Brasil, pervertidos em maus comportamentos. Anchieta continua na mesma carta afirmando que

Por esso a parescido a N. Padre, junto con todos los Hermanos, a quien todo lo comunico, encomendándolo a N. Señor, que será muy gran servicio de Dios tenellos y criallos en la mesma cuenta que los índios, y como llegaren a anos de discretión mandarlos a Hespana, onde aj'menos inco[n]venientes y peligros para ser ruines que acá: onde las mugeres andan desnudas y no se saben negar a ninguno, mas aun ellas mesmas acometen y importunan los hombres ecliándose con ellos en las redes, porque tienen por honrra dormir con los christianos.(ANCHIETA, 1554b, in: LEITE, 1957, p. 77)

Os padres queriam ao máximo conservar aquele que já seguiam a doutrina cristã, como os órfãos portugueses, mas também buscavam soluções aos órfãos da colônia que estavam crescendo e já entrando na sua puberdade, separando e organizando os ensinamentos e doutrinas pela idade e fases da vida de cada criança.

## **6 O ensino e o batismo**

Os padres realizavam trabalhos com indígenas, filhos de colonos, mestiços (chamados mamelucos) e crianças órfãs trazidas de Portugal. Eles ocupavam grande parte do tempo ensinando os filhos dos índios, por considerá-los necessitados na fé e nos bons costumes, geralmente iniciavam

com a catequese e buscavam entender a língua local para traduzir orações e louvores a Deus.

Como os padres sofriam de carência de mantimentos e recursos provindos de Portugal, tratavam de conseguir esmolas e apoio da comunidade local para construir casas e colégios, onde pudessem ensinar as crianças. Começou-se também um trabalho em que se enviavam de Portugal meninos órfãos para conviver com os filhos dos gentios. Eram os chamados órfãos do Rei, trabalho muitas vezes visto pelos padres com bons olhos e com possibilidades daquilo que eles denominavam de “grandes frutos”. Destes ninyos embió el Rey el anyo passado siete al Brasil para ensenyar a los hijos de aquellos gentiles. Tengo cartas dellos del grandíssimo fructo que allá hazen [...] (DOMENECH, 1551, IN: LEITE, 1956, p. 214).

Essas pessoas a mais geravam custos e os irmãos da Companhia tentavam ao máximo sustentar esses meninos. No geral a doutrina dos meninos apresentava as seguintes características: as crianças eram levadas duas ou mais vezes à escola, dependendo dos trabalhos que eles realizavam nas aldeias com seus pais, havia uma preferência de frequência pelo período da manhã, porque à tarde os meninos iam com seus pais à caça. Nas tribos onde se realizavam tais tarefas, e ao contrário do que culturalmente ouve-se, alguns dos padres consideravam os indígenas entes trabalhadores como afirma o Irmão Anchieta na sua carta trimestral de 1556:

Expliquei suficientemente na carta anterior como se faz a doutrina dos meninos: quase todos vêm duas vezes por dia à escola, sobretudo de manhã; pois de tarde todos se dão à caça ou à pesca para procurarem o sustento; se não trabalham, não comem. (ANCHIETA, 1556b, IN: LEITE, 1957, p. 308)

Havia diferenças a tais ordens de ensino. Na província da Baía fez-se uma igreja nomeada São Paulo, a qual levou os padres a ega, 1549 o ensino todas as tardes durante três ou quatro horas, já que pela manhã os meninos da região iam à pesca com os pais pelo mar, atividade que lhes dava sustento e a igreja era dos lugares onde eles habitavam distante. Pelos relatos, eram crianças que liam, escreviam, cantavam e alguns já ajudavam na missa, como afirma Nóbrega em 1559:

Aqui há escola dos meninos, que são pera isso, cada dia huma só vez, porque tem o mar longe e vão pelas menhãs pescar pera sy e

pera seus paes, que não se mantém doutra cousa, e às tardes tem escola tres oras ou quatro (NÓBREGA, 1559, IN: LEITE, 1958, p. 51)

Eles consideravam extremamente importante ensinar sobre a fé cristã, mas tinham muita preocupação em ensinar a leitura e a escrita, como processo de alfabetização dos pequenos. Os padres consideravam a confissão algo comum entre crianças, pois, pela leitura dos documentos, não se observa nenhum comentário particular de que a confissão acontecia pela falta de inocência das crianças, pelo contrário, parecia ser um meio de introduzir eles aos costumes dos adultos, baseados nos textos bíblicos que dizem haver necessidade de se ensinar o caminho pelo qual a criança deveria andar, já que após o batismo o sacramento da confissão era necessário:

Muitos confessaram-se este ano, e fizeram-no em muitas outras ocasiões do que não tivemos pouca alegria; pois alguns **confessam-se com tal pureza e distinção**, e sem deixarem sequer as mais mínimas coisas, **que facilmente deixam atrás os filhos dos cristãos**. (ANCHIETA, 1556b, IN: LEITE, 1957, p. 308, grifo nosso)

Sobre o ensino aos mamelucos os padres também discorrem, sendo que em 1554 o Padre Antônio Blázquez afirma que os mamelucos ensinados na capitania de Porto Seguro escreviam razoavelmente, os grandes já sabiam toda a doutrina e os pequenos quase toda. Comemora pelo fato deles saberem o rosário de Nossa Senhora e da Coroinha do Menino Jesus. Os padres também se encarregam da formação moral destes, ensinando-os a permanecer quietos na igreja e a obedecer a seus pais. "Ensénoles a estar quietos en la yglesia y a ser obedientes a sus padres, los quales estan muy contentos por los aver tomado nosotros a cargo de los enseñar."(BLÁZQUEZ, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 59).

Men de Sá, Governador Geral do Brasil, afirma, em 1560, que na capitania do Rio de Janeiro ele mandou fazer tronco e pelourinho em todas as aldeias e disse ao meirinho (principais das aldeias, mandados pelo Governador a prender e castigar os delinquentes) para meter os moços que fugiam da escola nele, tendo a autoridade aquele que ensinava em tal vila, traçando um certo apoio político aos trabalhos realizados pelos padres no Brasil, já que eles detinham grande poder na educação daquele tempo,

Também mandei fazer tronco em cada vila e pelourinho, por lhes mostrar que tem tudo o que os cristãos tem, e para o meirinho meter

os moços no tronco quando fogem da Escola, e para outros casos leves, com autoridade [de] quem os ensina e reside na vila. D[isto] são muito contentes, e recebem melhor o castigo que nós. (SÁ, 1560, IN: LEITE, 1958, p. 172)

Esse ensino era livre, mas apresentava regras que deveriam ser obedecidas e levadas em consideração, principalmente quando os padres iniciaram seus trabalhos voltados pela ordem do castigo, como forma de manter novos convertidos na linha do cristianismo, ainda que estes fossem crianças e moços indígenas.

O batismo era realizado para a salvação das almas das crianças, ocorre que em cartas, percebe-se que os padres não batizavam as pessoas em geral com tanta rapidez, havia o ensino da doutrina e dogmas da igreja de forma cíclica até estes serem considerado aptos. Já as crianças, consideradas puras, eram batizadas, desde bebês até as maiores, para que se ocorresse sua morte, como acontecia em vários casos citados de enfermidades desconhecidas que se abatiam sobre elas, houvesse salvação mesmo sem terem tido estudo teológico, por serem seres inocentes aos olhos dos padres. Isso ocorre no caso citado da carta de Leonardo Nunes de 1551, em que o padre diz ter buscado na aldeia um homem branco (pai), uma índia (mãe) e duas meninas, a maior de oito anos. Na carta ele afirma ter batizado as crianças e estar preparando a mãe ao batismo, comprovando que as crianças eram batizadas sem muitos ensinamentos, e os adultos não, porque os grandes tinham que ter conhecimento de suas práticas e mudá-las,

Este mes de Mayo passado fui entre los índios a buscar un hombre blanco que andava entre ellos y dos hijas que tenía nacidas allá, y la maior será de 8 annos. Entre ambas estaban por baptizar, y la madre lo mesmo; téngolos aora aqui padre y madre **y hijas, las quales baptize; la madre no, porque la hago enseñar.** (NUNES, 1551, IN: LEITE, 1956, p. 235, grifo nosso)

Entende-se, porém, certas contradições nesses conceitos, por haver situações em que todas as crianças não eram batizadas, algumas sim, e outras não, supondo-se que os padres tratavam as crianças com aparência mais inocente de forma mais condescendente. Havia dentro das capitâneas as hierarquias de ensino, admitia-se algumas crianças para o batismo e outras entravam nas casas para o ensino da catequese.

Na Escola, muito bem ensinados pelo Mestre António Rodrigues, encontram-se 15 já batizados e outros, em maior número, ainda catecúmenos. [...] Nesta Aldeia, foram admitidos para o catecismo 130 e para o baptismo 36, de toda a idade e de ambos os sexos. Ensina-se-lhes todos os dias duas vezes a doutrina cristã, e aprendem as orações em português e na língua própria deles. (ANCHIETA, 1554a, IN: LEITE, 1957, p. 106)

Em uma carta de 1557 o padre Manuel da Nóbrega afirma mandar muitos meninos ao Senhor com o batismo, e muitos que parecem querer morrer revivem após serem batizados (NÓBREGA, 1557, IN: LEITE, 1957, p. 402). Isso é reafirmado pelo padre Antônio Pires em uma carta de 1558, onde ele ainda diz que os pais das crianças que vivem se sentem muito felizes e os das que morrem dizem que os padres os matam com o batismo (BLÁZQUEZ, 1558, IN: LEITE, 1957, p. 431), o mesmo vai se aprofundar no assunto e especificar mais em outra carta de 1558,

Os de Sam Paulo, primeira povoação, são todos christãos, scilicet meninos e meninas até quatorze annos e cada dia se bautizão nelles, porque os que nadem de novo todos os trazem a bautizar e estes pasarão de dozentos. Os outros de mais idade e que podem já ter peccado mortal, não bautizamos senão confessando-sse e tomando estado de vida, de serviço de Nosso Senhor, e destes se vão despondo muitos dos grandes pera cedo bautizáremos e casáremos huma boa somma; e esta ordem se terá en todas as outras povoações. (PIRES, 1558, IN: LEITE, 1957, p. 472)

O texto acima especifica a diferenciação de tratamento das crianças para os outros, podendo-se tratar ainda que aqueles jovens com mais de 14 ou 15 anos já eram considerados pecadores, por estarem na sua fase de adolescência.

Os chamados inocentes eram as crianças que para os padres não possuíam pecados, eles lamentavam sua morte, mas glorificavam a Deus por aqueles que morriam batizados, porque apesar de serem inocentes precisavam do batismo para salvação, como afirma Anchieta: “Entre estes também alguns inocentes passaram ao Senhor, depois de recebido o baptismo” (ANCHIETA, 1554a, IN: LEITE, 1957, p. 107).

## **7 O ensino das meninas**

Ainda que eles tivessem o desejo de fazer casas específicas para a criação de meninas, os padres trabalhavam com elas juntamente com os

meninos, dependendo de como cada um interpreta a situação. Padre Brás Lourenço, por exemplo, entendia que poderia sim haver o ensino das meninas, tanto que Francisco Pires ao escrever à Nóbrega afirma que Brás Lourenço ao ver a falta de fé dos brancos tomou para si o encargo da escola e passou a ensinar meninos: “mas a los demás, **ninas** i la otra más gente; y vienen cada dia una cierta ora a la iglesia, para la qual ora se tanhe el sino” (PIRES, 1557, IN: LEITE, 1957, p. 376, grifo nosso).

Em 1557, Padre Luís Gonçalves afirma que seria bom ao Brasil algumas “boas mulheres velhas” para criar as meninas e casá-las, como pode-se ver a seguir: “[...] y aun pensamos que será bueno llevar de acá buenas mujeres viejas que criassen las ninas para casallas con estos por tiempo” (CÂMARA, 1557, IN: LEITE, 1957, p. 421).

Padre Antônio Blázquez afirma que era desejo do Padre Nóbrega pedir a Rainha que enviasse mulheres virtuosas para ensinar as “hijas”, já que o padre ensinava os “hijos” (BLAZQUEZ, 1559, IN: LEITE, 1958, p. 137). Isso pode-se observar dentro das mensagens dos padres, o desejo de ensinar as meninas, mas a falta de mentoras mulheres que as ensinassem nos formatos europeus de cultura e costumes. Os padres queriam também doutrinar as meninas, mas encontravam na falta de boas mulheres para as ensinar e na pouca disponibilidade real de as ceder uma grande barreira neste trabalho. “Y temo que fuesse esta grande inventión dei enemigo vestirse de la sancta pobreza para impedir la salvati3n de muchas 3nimas” (NÓBREGA, 1561, IN: LEITE, 1958, p. 365).

Havia também um desejo de doutrinar as meninas pela vis3o de futuro dos padres, que imaginavam que quando os meninos das suas escolas ficassem moços poderia haver casamentos deles com as moças formadas pelas “mulheres virtuosas” que tratariam do casamento como o faziam às moças europeias. Pode-se notar isso nesta carta de Nóbrega de 1561: “Y aún si fuesse tanto, no temia por desacertado adquirirse para casa de ninas de los gentiles, de que tuviessen cargo mugeres virtuosas, con las quales después casassen estos moços que doctrinásemos.” (NÓBREGA, 1561, IN: LEITE, 1958, p. 365).

Nas cartas quase não há relatos sobre as meninas e os seus ensinamentos, mas pode-se ver que elas eram consideradas (ainda que informalmente) e estavam presentes no período de trabalho jesuítico no Brasil como se vê nessa rara descrição escrita que se refere às meninas:

Como lo encontraron, lo saludaron con summa alegria, primeramente la gente anciana, y después venían los niños con sus gírnaldas en la cabeza y, hecha su reverencia, lo saludavan diciendo con las manos levantadas: "Loado sea Jesú Christo!" y el Padre les hechava su bendición. **A la entrada de la población salieron las ninas, que sigen la doctrina, para que también le diesse su bendición.** (BLAZQUEZ, 1561, IN: LEITE, 1958, p. 404, grifo nosso).

A falta de relatos sobre doutrina de meninas deve-se, provavelmente também, ao baixo status social que as mulheres, de forma geral, ocupavam naquela sociedade e tempo. Separadas da vida pública, as mulheres eram àquele tempo relegadas a um segundo plano, sendo as atenções voltadas aos feitos dos homens, o que explica a falta de importância dispensada também às meninas.

## **8 Casas, colégios e o uso das “crianças evangelistas”**

Os padres jesuítas tinham um programa de construção de colégios muito aprimorado, eles percebiam onde haviam mais chances de haver discípulos formados e ali faziam suas casas de ler e escrever, ensino e catequese para fins evangelísticos. No Brasil, como em outros domínios portugueses, os jesuítas sofriam sérios problemas com o financiamento dessas casas e colégio, pois embora houvesse da parte deles a intenção de construção e expansão de tais estabelecimentos de ensino, o dinheiro enviado pela Coroa, não era suficiente, pelo menos nos anos iniciais de seu estabelecimento no Brasil. Ocorria que, em muitos casos, eles apelavam para as esmolas dadas por ricos da colônia e também para a ajuda dos colonos brancos.

Se vê um exemplo do apoio dos brancos à causa nesta carta de padre Manuel da Nóbrega de 1551, em que ele afirma que os moradores de Pernambuco, na Vila de Olinda ajudavam os padres a construir a casa para eles criarem os meninos dos gentios: "Os moradores destas Capitánias ajudam com ho que podem ha fazeren-se estas cassas pera os meninos do gentio se

criarem nelas, e será grande meio, e breve, pera ha conversão do gentio." (NÓBREGA, 1551, IN: LEITE, 1956, p. 293)

Os padres não tinham um número mínimo e nem máximo para a quantidade de crianças dentro das casas, eles vão falar sobre casas com quatro, e até casas com cem ou mais crianças, mantidas, alimentadas e ensinadas por eles, sendo estas (as crianças) sustentadas com as esmolas e o pouco auxílio dado pela Coroa portuguesa.

Ya tenemos en esta casa por la bondade dei Señor más de dozientos niños yndiozicos que continuamente se ocupan en la doctrina y cosas pertenecientes a la fe. Espero en el Sefior que muy presto llegarán a dozienitos y cinqienta, porque dei Carón traen los padres a sus hijos y me los entregan con grande edificación de palabras; y tomando cada uno su hijo por la mano me dicen: «Véis aqui mi hijo? Ensefiadlo, poco a poco aprenderá y después yrnos ha enseñiar las cosas dei Sefior». (RODRIGUES, 1559, IN: LEITE, 1958, p. 126)

Nessas casas e colégios os padres tinham crianças indígenas, órfãos portugueses (em alguns casos) e os chamados órfãos da terra. Isso pode ser observado na carta de José de Anchieta que afirma ter recebido meninos órfãos de Portugal, o que levou eles a recolher também os órfãos nativos para si, como afirma ele "principalmente de los mestizos de la tierra, assí por los amparar y enseñar, porque es la más perdida gente desta tierra, y algunos peores que los mesmos índios" (ANCHIETA, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 76).

Em São Paulo de Piratininga, o padre narra o mantimento de quatro ou cinco órfãos da terra, filhos de pai português e mãe brasílica que viviam com os padres, seguindo os costumes da Companhia e eram reservados ao Colégio caso o fossem criar. Cuatro ou cinco meninos órfãos, dos que nasceram de pai português e mãe brasílica, vivem em nossa casa sujeitos aos Padres e reservados para o Colégio, se se vier a fazer." (ANCHIETA, 1554a, IN: LEITE, 1957, p. 103)

Com o crescimento dos colégios e o desenvolvimento das crianças na fé cristã, os padres passaram a sair com elas e ir a aldeias levando-as como anunciadores do evangelho, porque lhes parecia bonito e edificante os pequenos pregando aos seus semelhantes as coisas que os padres diziam. Eles saíam em procissão com a cruz e os meninos em duplas ou trios a frente, pregando que Jesus era o salvador, filho de Deus e anunciando que a salvação

chegava aqueles lugares, falando do céu e inferno e “envergonhando os feiticeiros”, “para espanto das pessoas dos lugares”. Tem-se isto narrado na carta dos meninos órfãos (PIRES, 1552, IN: LEITE, 1956, p. 378).

Como modo jesuítico, os padres deixaram os meninos cantarem os sermões ao seu modo, puxando os velhos, velhas e jovens com eles como afirma na sequência da mesma carta.

Este jeito era importante para que se conquistasse a confiança dos adultos e se juntassem mais crianças, o Padre Nóbrega ia com alguns irmãos e meninos, um menino carregava a cruz e iam todos cantando e entrando nas aldeias. Segundo os relatos dos padres, as pessoas se maravilhavam com a novidade, alguns meninos dos lugares deixavam os pais e iam com os padres."[...] y quando se partían de los lugares también salían cantando las letanías, y algunos [ii2v] de los niños dexavan a sus padres y madres y ívanse con ellos." (CORREIA, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 67)

Essas visitas eram passeios dos padres com suas crianças que por vezes trocavam visitas entre si para levar os pequenos a anunciar o evangelho. Numa carta de 1557, o padre Blazquez vai narrar a ida do Irmão Antônio Rodrigues com as crianças que ele catequizava até uma “hermita” da cidade da Baía e a visita dos órfãos de Nóbrega a Rio Vermelho para pagar a visita e dar férias aos seus meninos (BLAZQUEZ, 1557, IN: LEITE, 1957, p. 353).

## **9 Sentimento dos padres e divergências**

Os padres jesuítas eram um grupo que tinham divergências dentro e fora da Companhia, eles trabalhavam com o evangelismo e conversão, principalmente das crianças, de maneira bem lúdica, incorporando os ritos indígenas e trabalhando com diferentes grupos, como índios, índias, mestiços e brancos de maneira muito homogênea, levando a diferentes visões desses trabalhos entre os próprios padres, já que, como foi visto, o que alguns faziam outros não praticavam e principalmente tendo críticas de pessoas de fora que queriam pôr em prática a fé católica de maneira tradicional sem mudança nenhuma.

Pero Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil, fez duras críticas ao trabalho jesuítico ao ver certas atitudes dos padres referentes ao ensino das crianças. O bispo começa afirmando ser de pouco fruto e edificação que os meninos órfãos cantassem os cantares de Nossa Senhora em “tom gentílico”, dançando e tocando instrumento que segundo ele “estes bárbaros tafien y cantan quando quieren beber sus vinos y matar sus inimigos” (SARDINHA, 1552, IN: LEITE, 1956, carta 49, p. 359). Lhe espantava que os padres acompanhassem essas atitudes que “eram em favor da gentilidade”.

Ele era contra cortarem os cabelos dos meninos ao modo gentílico (em formato de “tigelinha”) e o incomodava Nóbrega aprovar, já que segundo ele disse “Yo le dixee que no venía aquá hazer los christianos gentiles, sino a costumbrar los gentiles a ser christianos” (SARDINHA, 1552, IN: LEITE, 1956, p. 360).

Sardinha também ficou chocado ao ver um menino da terra, mestiço, que tinha dez anos, traduzindo as confissões das mulheres mestiças para Nóbrega. Segundo ele “qui non sentit nec adhuc perfecte credit, nec valet lingua, nec frasin verborum” (SARDINHA, 1552, IN: LEITE, 1956, p. 361), o que pode ser traduzido para algo como: **um menino sem crédito e perfeição de que não se pode confiar em sua tradução**. Ele também era contra os jesuítas permitirem que os indígenas, nos velórios dos gentios convertidos, fizessem os choros e prantos em altas vozes, uma questão de cultura própria (SARDINHA, 1552, IN: LEITE, 1956, p. 364). O bispo pretendia mudar a forma de evangelizar os índios que os padres tinham. O mesmo vai afirmar em outra carta que:

En la carta que escrevia al P. Maestro Symón dizia y digo aora a V. R. que estrané mucho, y estranan todos a los Padres confessaren las mistiças mugeres casadas com portugeses per intérprete, nino de doze o 13 anos nacido y creado en la tierra ; y tarabién andaren tanendo y cantando los dias de fiesta los instrumentos y sonos que los gentiles tanen y cantan quando andan embriagados y hazen sus matares. Y aora me dixeron que enterraron algunos que hizieron christianos al [i03r] modo gentílico. (SARDINHA, 1553, IN: LEITE, 1957, p. 11,12)

Vários documentos do bispo Sardinha expõem sua visão dura sobre como os jesuítas educavam as crianças. Os jesuítas, porém, não tinham abalo

nessas ideias conservadoras e viviam em busca de mais crianças para ensinar, o que estes demonstram nas cartas ao descreverem o sentimento de tristeza destes por poucos pais darem seus filhos a eles em certos lugares. Antonio Blázquez afirma isso em uma carta de 1554:

De las ydas que hizimos en las Aldeas fuerom poças, y en una delias nos dió Dios tres indios pequenos, lo que nosotros stimamos en mucho por ser tam pecos los padres que quieram dar sus hijos. Sin dubda que quando traíamos esta empresa que de alegria no cabíamos. (BLAZQUEZ, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 56,57)

Eles glorificavam o grande afeto das crianças por eles, e diziam de maneira muito orgulhosa sobre aqueles que deixando seus pais e passado algum tempo com os padres não desejavam ver ou ter contato mais com sua parentela de sangue. Anchieta vai falar sobre dois meninos, o primeiro se recusava a ver o pai quando este o ia visitar na casa dos padres e de outro que passando pela aldeia onde a mãe morava não quis chegar para saudá-la:

Estes apartam se tanto dos costumes dos pais, que, passando aqui perto de nós o pai dum, e visitando o filho, este muito longe esteve de lhe mostrar qualquer amor filial e terno, de maneira que só por pouco tempo, contra vontade e obrigado por nós, é que falou com o pai; e outro, estando já há muito separado dos pais, indo de caminho uma vez com os nossos Irmãos pela Aldeia que a mãe habitava, e dando-lhe estes licença de a ir visitar se quisesse, passou sem saudar a mãe; deste modo põem muito acima do amor dos pais o amor que nos têm. (ANCHIETA, 1554a, IN: LEITE, 1957, p. 110)

Os padres também se alegravam em ver as crianças dispostas para ir a escola, receber os castigos e tentando sempre se igualar entre si e aos mesmo em santidade (ANCHIETA, 1555, IN: LEITE, 1957, p. 194).

Eles também ficavam chocados aos costumes dos gentios em não castigar as crianças, já que o maior castigo a eles era falar alto com os seus, já que eles achavam necessário se castigar duramente para o bom aprendizado das crianças (GRÃ, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 136). Admiravam também certos costumes relacionados à morte, já que ao morrer as mães enterravam os recém-nascidos e morrendo uma criança queriam enterrar a irmã doente junto (SÁ, 1559, IN: LEITE, 1958, p. 20).

Os padres tinham grande apreço pelas crianças, mas desprezavam os costumes gentios de lidar com as situações, eles eram sentimentalistas em

suas cartas quando falavam dos meninos e meninas que se dedicavam na catequese e estudo do ler e escrever, pois para eles as crianças estavam aprendendo a ser como cristãos, mesmo aderindo ao modo gentílico no estudo das orações e hinos.

## 10 Os Pecados

Os padres evangelizavam as crianças indígenas, mestiças e brancas do Brasil colonial com o intuito de mantê-las longe dos pecados praticados pelos gentios e pelos próprios portugueses, como as bebedeiras, imoralidades sexuais, etc. Por isso, quando acontecia dos maiores, criados na doutrina cristã, a deixarem e seguirem por caminhos como este havia dentro da Companhia uma grande decepção e preocupação.

Alguns dos meninos órfãos chegados no Brasil deram trabalho aos padres, pela forma que eles iriam viver e se alimentar no Brasil, e também pela sua inclinação com as mulheres da terra que andavam seminuas e não seguiam os costumes cristãos. Pelo seu comportamento tais meninos foram considerados “perdidos nas coisas espirituais” por seu comportamento, considerado pelos padres como subversivo.

Estes mininos ^ chegarão quando eu de Porto Seguro^ e nos derão alguma perturbação polo pouco gasalhado e maneira de com que os manter há nesta terra,[...]

estes mininos são nesta terra perdidos, ainda nas cousas spirituaes, pola grande soltura da gente delia, porque as mulheres andão quá nuas e são tão roins, que andão trás estes moços pera pecarem com elles e enganão-nos, e elles que facilmente se deixão enganar. (PIRES, 1555, IN: LEITE, 1957, p.232).

Os padres também tratavam das crianças com preguiça de ir à escola ou a igreja, eles instruíam os alunos mais chegados a fazer seus colegas vagarosos irem com eles, mandando buscá-los caso não aparecesse nas aulas. "Y quando alguno es perezoso y no quiere venir a la escuela, el Hermano que tiene cargo dellos lo manda buscar por los otros, los quales lo traen preso y lo toman a costas con mucha alegria." (CORREIA, 1554, IN: LEITE, 1957, p. 70).

Havia também o problema daqueles que abandonavam a fé depois de convertidos, principalmente aqueles pertencentes aos povos nômades, pois

depois de um tempo na mesma terra eles mudavam de região e muitos dos meninos que se criavam com os padres iam embora com seus pais e passavam a praticar os costumes deles dentro das aldeias. Anchieta vai escrever sobre este problema em uma de suas cartas, em que afirmou que “os mesmos moçachos, que quasi criamos a nossos peitos com o leite da doutrina christã, depois de serem já bem instruídos, seguem a seus pais primeiro em a habitação e despois em os custumes” (ANCHIETA, 1556a, IN: LEITE, 1957, p. 313), texto que prossegue com a narração de uma mudança que explicava muito do que acontecia na evangelização do Brasil colônia.

Porque os dias passados, apartando-sse daqui alguns destes a outras moradas, levarão consigo boa parte dos moços, e agora a mayor parte dos que ficarão se mudou a outro lugar, onde possa viver livremente como soya, aos quais necessariamente ão-de imitar os filhos asi divisos, nem se podem ensinar, nem eiles muito o deseção, e ainda sobretudo não há quem queira ser ensinado. (ANCHIETA, 1556a, IN: LEITE, 1957, p. 313).

O último grande problema era lidar com aqueles que na adolescência passavam a descobrir o mundo onde viviam, os padres tratam eles como a seus pais, entregues a luxúrias e imoralidades que se seguiram a vida adulta gentil. Anchieta afirma sobre eles que estes ultrapassaram seus pais em maldade e comparava que como eram extremamente bons quando crianças, sendo extremamente obedientes e entregues aos costumes cristãos, na puberdade passavam a ser desenfreados em atitudes ruins, não espantado por tal atitude, já que os brancos também se entregavam desta maneira às coisas mundanas.

De los moçachos, que luego en el principio fueron enseñados en la escuela en christianas costumbres, cuya vida quanto era más diferente de la de sus padres, tanto maior ocasión dava de loar a Dios y recibir consolatió, no querría hazer mentión por no refrescar las llagas que parece algùn tanto estar ya curadas. De los quales diré solamente que como llegaron a los anos de pubertad y comiençaron a poder consigo, vinieron a tanta corrupción que tanto sobrepujan agora a sus padres en maldad quanto antes en bondad, con tanto maior desverguença y desenfrenamiento se dan a las borracherías y luxurias quanto con maior modéstia y obediencia se entregavan dantes a las costumbres christianas y divinas ensenanças. Trabajamos mucho con ellos por los reduzir al camino derecho, ni nos espanta esta mudança pues vemos que los mesmos christianos hazen de la mesma manera. (ANCHIETA, 1560, IN: LEITE, 1958, p. 262)

Vê-se a frustração pela mudança de comportamento desses jovens, já que o padre ao narrar as mudanças de comportamentos expressa sua decepção ao ver um trabalho perdido, quando se trata no quesito de conversão daquela gente, já que até as tão obedientes crianças se tornavam absolutamente rebeldes quando se tratava do fato de seguir os ensinamentos cristãos. Para os irmãos da Companhia esses jovens receberiam de Deus o castigo pela sua falta de amor ao evangelho.

## **11 Considerações Finais**

Os padres jesuítas tinham dentro dos seus ensinamentos as claras funções de evangelizar e doutrinar as crianças, eles tinham a intenção de ensinar a língua portuguesa, a leitura e a escrita para que as crianças pudessem entender e obedecer às doutrinas da fé católica. Esses homens demonstravam nos escritos interesse e carinho pelas crianças, como sendo filhos e filhas de Deus, para eles cada um dos pequenos batizados era uma alma levada ao reino dos céus.

Os irmãos tinham concepções individuais das fases da vida. Alguns padres poderiam afirmar que certa idade era uma parte da infância e outro poderia dizer que a mesma seria parte da juventude ou puberdade. O que se percebe é que independente das concepções da época discorrida por teóricos, a infância para os padres seria até os doze anos, variando de acordo com o padre, a criança e o comportamento e entendimento de ambos, dos doze até provavelmente o casamento desses jovens, eles eram rapazes ou “mochacos”, porém isso pode ser facilmente mudado se considerarmos cartas de alguns padres, já que como dito anteriormente, mudando os atores, muda-se a atuação no espetáculo.

Havia ainda as diferenças na aplicação das doutrinas e nos desenvolvimentos pedagógicos jesuítas, havia quem julgasse negativamente a forma jesuítica de aproximar o ensino das realidades indígenas (um conceito bem “moderno de ensino”) e havia os que apoiavam. O batismo a princípio era realizado para os bebês somente e os maiores recebiam este após o ensinamento, porém havia casos onde isso não era levado em consideração.

Os padres faziam um grande trabalho evangelístico, mas com os resultados negativos ao longo dos anos havia quem disse que eles deveriam parar de investir tanto nos meninos da terra.

Há nesses documentos diferentes conceitos e concepções, mas o que prevalece é a grande vontade dos padres em ensinar a fé cristã às crianças, há destaque nos sonhos e desejos de crescimento dos padres, que queriam sempre estar crescendo nos trabalhos do Brasil e sempre passando a melhor imagem possível do que eles estavam passando no dia a dia.

Este trabalho apresenta, assim, visões iniciais do estudo em questão, com leitura e interpretação de fontes primárias. Como continuidade, num segundo momento do trabalho de pesquisa, será necessário um maior levantamento bibliográfico para compreender o que outros pesquisadores já produziram sobre o tema, e assim maturar nossa compreensão do mesmo. Outros trabalhos e caminhos de pesquisa se abrem na conclusão desta.

## REFERÊNCIAS

### FONTES PRIMÁRIAS

ANCHIETA, José de [Irmão]. Carta ao Padre Inácio de Loyola, em Roma. São Paulo de Piratininga, 1 de setembro de 1554a. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

ANCHIETA, José de [Irmão]. Carta ao Padre Inácio de Loyola, em Roma. São Vicente, [fim de março] de 1555. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

ANCHIETA, José de [Irmão]. Carta ao Provincial de Portugal [?]. Piratininga, fim de dezembro de 1556a. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

ANCHIETA, José de [Irmão]. Carta por Comissão do Padre Manuel da Nóbrega ao Padre Inácio de Loyola, em Roma. Piratininga, julho de 1554b. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

ANCHIETA, José de [Irmão]. Carta Trimestral de maio a agosto de 1556. São Paulo de Piratininga, agosto de 1556b. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

ANCHIETA, José de [Irmão]. Carta ao Padre Diego Laynes, em Roma. São Vicente, 1 de junho de 1560. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume III (1558-1563)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1958. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 81.

AZPILCUETA, João de [Padre]. Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra, em Coimbra. Baía, 28 de março de 1550. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume I (1538-1553)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1956. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 79.

BLAZQUEZ, Antonio [Irmão] [?]. Carta quadrimestre de setembro de 1556 a janeiro de 1557. Baía, 1 de janeiro de 1557. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

BLAZQUEZ, Antonio [Irmão]. Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra, em Coimbra. Porto Seguro, 8 de maio de 1554. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

BLAZQUEZ, Antonio [Irmão]. Carta por Comissão do Padre Manuel da Nóbrega ao Padre Diego Laynes, em Roma. Baía, último de abril de 1558. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

BLAZQUEZ, Antonio [Irmão]. Carta por Comissão do Padre Manuel da Nóbrega ao Padre Diego Laynes, em Roma. Baía, 10 de setembro de 1559. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume III (1558-1563)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1958. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 81.

BLAZQUEZ, Antonio [Padre]. Carta ao Padre Diego Laynes, em Roma. Baía, 1 de setembro de 1561. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume III (1558-1563)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1958. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 81.

CÂMARA, Luis Gonçalves da [Padre]. Carta ao Padre Diego Laynes, em Roma. Lisboa, 7 de dezembro de 1557. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558)**. Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

CORREIA, Pero [Irmão]. Carta ao Padre Brás Lourenço, no Espírito Santo. São Vicente, 18 de julho de 1554. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae.**

**Volume II (1553-1558).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

DOMÉNECH, Pero [Padre]. Carta ao Padre Inácio de Loyola, em Roma. Almeirim, 17 de fevereiro de 1551. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume I (1538-1553).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1956. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 79.

GRÃ, Luis da [Padre]. Carta ao Padre Inácio de Loyola, em Roma. Baía, 27 de dezembro de 1554. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

NÓBREGA, Manuel [Padre]. Carta a D. João III, Rei de Portugal, em Lisboa. Olinda, 14 de setembro de 1551. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume I (1538-1553).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1956. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 79.

NÓBREGA, Manuel [Padre]. Carta a D. João III, Rei de Portugal, em Lisboa. São Vicente, outubro de 1553. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

NÓBREGA, Manuel [Padre]. Carta ao Padre Diego Laynes, em Roma. São Vicente, 12 de junho de 1561. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume III (1558-1563).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1958. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 81.

NÓBREGA, Manuel [Padre]. Carta ao Padre Miguel de Torres, em Lisboa. Baía (Rio Vermelho), agosto de 1557. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

NÓBREGA, Manuel [Padre]. Carta ao Padre Simão Rodrigues, em Lisboa. Baía, 10 de abril de 1549a. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume I (1538-1553).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1956. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 79.

NÓBREGA, Manuel [Padre]. Carta ao Padre Simão Rodrigues, em Lisboa. Baía, 10 de julho de 1552. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume I (1538-1553).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1956. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 79.

NÓBREGA, Manuel [Padre]. Carta ao Padre Simão Rodrigues, em Lisboa. Baía, 9 de agosto de 1549b. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume I (1538-1553).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1956. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 79.

NUNES, Leonardo [Padre]. Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra, em Coimbra. São Vicente, 20 de junho de 1551. IN: LEITE, Serafim (org).

**Monumenta Brasiliae. Volume I (1538-1553).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1956. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 79.

NUNES, Leonardo [Padre]. Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra, em Coimbra. São Vicente, novembro [?] de 1550. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume I (1538-1553).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1956. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 79.

PIRES, Ambrósio [Padre]. Carta ao Padre Diego Mirón, em Lisboa. Baía, 6 de junho de 1555. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

PIRES, António [Padre]. Carta ao Provincial de Portugal. Baía, 12 de setembro de 1558. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

PIRES, António [Padre]. Carta aos Padres e Irmãos de Coimbra, em Coimbra. Pernambuco, 2 de agosto de 1551. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume I (1538-1553).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1956. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 79.

PIRES, Francisco [Padre]. Carta ao Padre Manuel da Nóbrega, na Baía. Espírito Santo, maio de 1557. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

PIRES, Francisco [Padre]. Carta dos Meninos Órfãos ao Padre Pero Doménech, em Lisboa. Baía, 5 de agosto de 1552. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume I (1538-1553).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1956. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 79.

SÁ, António de [Irmão] [?]. Carta aos Padres e Irmãos da Baía. Espírito Santo, fevereiro de 1559. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume III (1558-1563).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1958. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 81.

SÁ, Mem de [Governador do Brasil]. Carta a D. Sebastião, Rei de Portugal, em Lisboa. Rio de Janeiro, 31 de março de 1560. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume III (1558-1563).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1958. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 81.

SARDINHA, Pero Fernandes [Bispo]. Carta ao Padre Simão Rodrigues, em Lisboa. Baía, julho de 1552. IN: LEITE, Serafim (org). **Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

SARDINHA, Pero Fernandes [Bispo]. Carta ao Reitor do Colégio de S. Antão, em Lisboa. Salvador [Baía], 6 de outubro de 1553. IN: LEITE, Serafim (org).

**Monumenta Brasiliae. Volume II (1553-1558).** Roma: A Patribus Eiusdem Societatis Edita 1957. Monumenta Historica Societatis Iesu, v. 80.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** Tradução de Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981

BITTAR, Marisa; FERREIRA JÚNIOR, Amarílio. Infância, catequese e aculturação no Brasil do século 16. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 81, n. 199, p. 452-463, set/dez. 2000.

BORGES, Felipe A. F. **Jesuítas no “Estado da Índia”:** o Seminário de Santa Fé e o Colégio de São Paulo em Goa (1541-1558). 256f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Maringá. Maringá. UEM, 2018

BUJES, Maria Isabel E. **Infância e maquinarias.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Infância e poder: breves sugestões para uma agenda de pesquisa. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos III:** riscos e possibilidades de pesquisar sem fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEYWOOD, Colin. **Uma História da infância.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

KUHLMANN JR., M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M. (org.). **A infância e sua educação:** materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 15-33.

PAIVA, José Maria de. **Colonização e Catequese.** São Paulo: Arké, 2006.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RODRIGUES, Elaine. (org). **História da infância no Brasil.** Maringá: Eduem, 2010.

VAZ, Alexandre Fernandez; MOMM, Caroline Machado, Orgs. **Educação Infantil e Sociedade:** questões contemporâneas. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

SARAT, Magda. (org). **Fundamentos Filosóficos da Educação Infantil.** Maringá: Eduem, 2009.